

18/01/2021 13:01:53 - RACHEL ANDALAFT

**RACHEL ANDALAFT: A GEOPOLÍTICA DA ENERGIA LIMPA - PERSPECTIVAS DO SETOR PARA 2021**



O setor de energia renovável não só se mostrou bastante resiliente durante a crise da covid-19 em 2020 como também tem excelentes perspectivas de crescimento para 2021. É dessa forma que o jornal alemão *Handelsblatt* resume a perspectiva para o setor nesse ano que se inicia. Quem conhece o periódico se espanta: o veículo, que desfruta de enorme prestígio no setor financeiro e conta com a contribuição de políticos influentes, incluindo por vezes artigos assinados pela própria Angela Merkel, não tem por hábito expressar otimismo.

Não se trata de especulação. Empresas alemãs do setor, como a SMA ou a Solarwatt, viram o valor de suas ações subirem em 2020, enquanto as bolsas no mundo todo caíam. Já as geradoras convencionais de energia não demonstram a mesma performance na bolsa. Nação exportadora, a Alemanha reconhece a importância de uma maior cooperação internacional, inclusive em relação às mudanças climáticas.

Uma indicação clara dessa tendência mundial foi a divulgação ao final de 2020 por parte da Alemanha e também de alguns países da Ásia (Japão, Coreia do Sul e China) sobre os seus compromissos climáticos para os próximos 30 anos. Até a Rússia anunciou diminuição na emissão de carbono. As metas anunciadas pelo governo russo, se por um lado inócuas, mostram um oportunismo estratégico de quem não quer perder um lugar à mesa - ao contrário de governos com tendências negacionistas.

Com os EUA se juntando novamente aos signatários do Acordo de Paris, o país deverá ao menos adotar as mesmas metas que a União Europeia, algo que representaria uma redução entre 45% e 50% em relação a 2005, já para os próximos 10 anos. Ainda na campanha, Biden prometeu investir quase US\$ 2 trilhões para zerar as emissões de carbono na geração elétrica até 2035.

Políticas públicas de fomento à energia limpa, sejam elas para o desenvolvimento de nova infraestrutura ou para a pesquisa e desenvolvimento de tecnologias promissoras, são fundamentais para definir um pipeline de investimentos.

Entretanto, o futuro governo norte-americano pretende ir além, colocando toda a administração pública para trabalhar pelo clima. Áreas tão distantes como Tesouro e Desenvolvimento Urbano estão sendo preenchidas com indicações aderentes a essa pauta, indicando que a integração entre elas será bem mais abrangente.

Para as empresas de energia renovável, cabe se atentar mais às regulamentações de novos entes governamentais. Para as companhias abertas de um modo geral, isso significa observar o que a Securities and Exchange Commission (SEC), órgão regulador do mercado de capitais, poderá exigir em termos de mensuração e divulgação dos seus impactos ambientais.

### **Revolução de baixo para cima dos EUA**

A pandemia exacerbou uma realidade que já existia: a desigualdade e a falta de oportunidades. Apesar do presidente norte-americano, Donald Trump, ter sido eleito prometendo mais empregos, suas medidas pouco favoreceram seus eleitores.

Com um governo democrata assumindo em 2021, espera-se não só a equidade de gênero e de raça, mas também uma retomada dos inúmeros programas que foram suspensos, ainda que careçam de uma atualização para fazer frente aos novos tempos.

Dada a inércia observada na esfera federal norte-americana durante o último mandato, uma parte cada vez maior da sociedade buscou soluções localmente. Evidências apontam que os últimos cinco anos foram os mais quentes de todos os tempos e, a cada ocorrência climática (enchentes, queimadas, entre outros), representantes de estados e municípios se viram na obrigação de arregaçar as mangas e agir.

Contando com o apoio de entidades privadas, trata-se de um grupo representativo (algo em torno de 70% do PIB nacional), cujos objetivos atendem às várias implicações da mudança climática. Se antes eles se aplicavam apenas às empresas de energia e suas políticas de recursos humanos, hoje trabalha-se por um leque maior de opções, dado o enorme desafio da neutralidade em carbono.

Como essas experiências bem sucedidas apontam, não basta fornecer subsídios para a energia limpa. A verdade é que boa parte da população, expelida dos grandes centros urbanos em função do alto custo de vida, inevitavelmente enfrenta problemas maiores como a exposição a usinas poluidoras, a falta de moradia e até mesmo a ausência de linhas de crédito para a aquisição de sistemas solares.

Essa realidade mostra a importância de políticas que se complementam entre si, algo que o governo Biden pretende liderar pelo exemplo.

## Realinhamento e Foco

De volta à Alemanha, o jornal *Handelsblatt* sintetiza: em 2020 a energia limpa se mostrou à prova de crises.

Aliado ideologicamente ao governo de Trump, é fato que o Brasil está bastante atrasado em relação ao endereçamento de medidas mitigatórias. Apenas no ano de 2019, as emissões aumentaram algo em torno de 10%, basicamente por conta do desmatamento.

Com as mudanças no cenário internacional, apoiadas no inexorável argumento financeiro pró-energia limpa, pode-se dizer que é apenas uma questão de tempo até que os mesmos ventos comecem a soprar de forma mais intensa por aqui.

O mundo, enxergando melhor entre a névoa da incerteza que lentamente se desfaz, encontrará diante de si algo bem diferente neste ano de 2021. O Brasil deveria se esmerar em acompanhar os que estão em melhores condições para chegar do outro lado.

*\* Rachel Andalaft é CEO da plataforma Mangifera Analytics e sócia-fundadora da REA Consult, empresa internacional de viabilização de investimentos e gestão de transações em energia renovável. Ela escreve mensalmente no **Broadcast Energia**.*

*Esse artigo representa exclusivamente a visão da autora.*